

**NARRATIVAS EM UM ACERVO: O CASO DO ARQUIVO HISTÓRICO
MUNICIPAL JUAREZ MIGUEL ILLA FONT**

**NARRATIVES IN A COLLECTION: THE CASE OF THE JUAREZ MIGUEL ILLA
FONT MUNICIPAL HISTORICAL ARCHIVE**

Recebido em: 11/07/2023

Aceito em: 29/08/2023

Publicado em: 28/09/2023

Henrique Antônio Trizoto¹ 

Resumo: O presente artigo aborda a construção da narrativa oficial da cidade de Erechim a partir da análise do acervo do Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font de Erechim / RS que faz parte da Secretaria Municipal de Cultura e Esporte de Erechim. Nele, constam Fundos Privados: Coleções Gardolinski, Müller, Castro. Fundos Públicos: documentos oriundos da Prefeitura de Erechim, e Fundos Mistos: Entrevistas com pioneiros e figuras públicas relevantes no período (professores, agrimensores, políticos, advogados, comerciantes. Ainda consta a coleção de periódicos que circularam na cidade. Em 2023, o Arquivo completa 43 anos de fundação. Nesse contexto, buscamos refletir sobre seu percurso constitutivo, considerando elementos realçados, relegados / negligenciados no seu acervo. Está artigo em três partes, a primeira aborda elementos constitutivos do AHMJMIF dentro de um espectro político e social de Erechim no período. A segunda parte aponta elementos de seu acervo e como são utilizados na narrativa oficial e a terceira analisa como se pode analisar a relação entre memória e narrativas, onde conclui-se que o movimento de manutenção status quo dos grupos dominantes perpassou pela exaltação das “origens europeias” e aos “pioneiros” (colonizadores). Com isso a narrativa oficial passou a refletir este processo

Palavras-chave: História de Erechim; Consolidação de Narrativas; Arquivo Histórico; História Regional.

Abstract: This article discusses the construction of the official narrative of the city of Erechim based on an analysis of the collection of the Juarez Miguel Illa Font Municipal Historical Archive in Erechim, RS, which is part of the Erechim Municipal Department of Culture and Sport. It contains Private Funds: Gardolinski, Müller and Castro collections. Public Funds: documents from the Erechim City Hall, and Mixed Funds: Interviews with pioneers and relevant public figures from the period (teachers, surveyors, politicians, lawyers, shopkeepers, etc.). There is also a collection of periodicals that circulated in the city. In 2023, the Archive celebrates its 43rd anniversary. In this context, we seek to reflect on its constitutive path, considering highlighted, relegated/neglected elements in its collection. This article is in three parts, the first of which looks at the constitutive elements of the AHMJMIF within a political and social spectrum of Erechim in the period. The second part points out elements of its collection and how they are used in the official narrative and the third part looks at how the relationship between memory and narratives can be analyzed, concluding that the movement to maintain the status quo of the dominant groups involved exalting the "European origins" and the "pioneers" (colonizers). As a result, the official narrative began to reflect this process.

Keyword: History of Erechim; Consolidation of Narratives; Historical Archives; Regional History.

¹ Aluno do Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Passo Fundo. E-mail: 191485@upf.br
193

INTRODUÇÃO

O Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font (AHMJMIF) localiza-se na cidade de Erechim/RS e no dia 18 de novembro completará 43 anos de fundação. Atualmente tem vínculo institucional com a Secretaria Municipal de Cultura e Esporte. Pensar a Constituição do AHMJMIF perpassa por reconhecer a figura do professor Enori José Chiaparini, que atuou por cerca de vinte anos como coordenador do espaço. Atualmente, mesmo aposentado é o memorialista de referência na cidade de Erechim, sendo o “cicerone” deste pesquisador durante a gestão 2013-2016.

Originalmente denominado Arquivo Histórico Municipal recebeu o acréscimo de Juarez Miguel Illa Font em 1990, dez anos após sua fundação através da lei 2.276/90 proposta pelo então vereador e advogado Leri Lonzetti, homenageando Juarez Miguel Illa Font, que chegou à cidade em 1924 e dentre outras funções, foi jornalista, radialista, historiador e colunista de jornais, escreveu ainda o Guia do Município em 1959 e do livro Serra do Erechim, tempos heroicos.

Ao longo de aproximadamente sete anos de trabalho no local ao longo de quatro gestões (2012; 2013-2016; 2017 e 2021- até a presente data) deparamo-nos com formas de conceber a atuação do Arquivo e seu papel na comunidade, que refletem além do modelo de gestão, a compreensão da história e da sociedade local.

Sob o viés História do tempo presente², a partir da perspectiva de que ela “tem permitido precisamente o estabelecimento de um novo olhar sobre objetos que habitualmente têm sido beneficiados por um tratamento historiográfico econômico, político ou demográfico” (BARROS, 2011, p. 60). Ricoeur (2007, p. 456) por sua vez a trata como “aquela onde esbarram uma na outra a palavra dos testemunhos ainda viva e a escrita em que já se recolhem os rastros documentários dos acontecimentos considerados”, nortearmos nossa abordagem.

Delgado e Ferreira (2014, p. 7) aferem ainda que a história do tempo presentes tem “mobilizado segmento expressivo da comunidade de historiadores no plano nacional e internacional”. Nesta esteira, ela se insere em um movimento que constrói uma renovação historiográfica e carrega em seu bojo, a “revitalização da história política, ampliação do uso de fontes, valorização da interdisciplinaridade, maior diálogo com as ciências sociais, recusa de

² O surgimento da noção de História do Tempo Presente está diretamente ligado ao surgimento dos novos estudos a partir da memória, do crescimento da necessidade de se investigar traumas, do fomento de demandas pela “reparação histórica” e reinterpretação dos acontecimentos a partir de novos atores sociais que possibilitam a compreensão do processo histórico.

explicações deterministas e totalizantes, valorização de atores individuais e coletivos, relação dialética entre história e memória” (DELGADO; FERREIRA, 2014, p.07).

Portanto, “sua expansão, por conseguinte, vai muito além dos objetos e processos habitualmente tidos por culturais” (BARROS, 2011, p. 60), ela oferece ao campo historiográfico a possibilidade de construção de “novas conexões com outras modalidades historiográficas e campos de saber, ao mesmo tempo em que tem proporcionado aos historiadores um rico espaço para a formulação conceitual” (BARROS, 2011, p. 60).

Nesta perspectiva, os Arquivos tem sua significação reforçada, pois ao serem entendidos como o espaço interativo entre o pesquisador e o objeto de pesquisa, ele “possibilita o progresso e a humanização destas teorias e, ao mesmo tempo, o cultivo do pensar crítico e criativo do pesquisador. Servindo-se, assim, do arquivo, o pesquisador constrói a sua própria produção, para responder ao desafio da socialização do conhecimento” (BARROS; AMÉLIA, 2009, p. 58).

Cabe ainda ressaltar que os Arquivos se diferem dos demais lugares de memória devido a constituição das documentações que compõe o seu acervo, ao passo que, “diferentemente de outras tipificações patrimoniais, os documentos arquivísticos são bens de uso executivo, fiscal e jurídico criados primordialmente para atestar ações e decisões cotidianas (COUGO JR, 2020, p.21). Neste sentido, deparamo-nos com a complexidade por exemplo de se transformar estes bens em patrimônio cultural, “uma vez que o movimento prescinde não apenas da atribuição de valores, mas também da compreensão sobre a redução ou extinção dos fatores primários motivadores da produção documental” (COUGO JR, 2020, p.21).

Mesmo eles sendo concebidos como “templos modernos –templos de memória. Como instituições, tanto como coleções, os Arquivos servem como monumentos às pessoas e instituições julgadas merecedoras de serem lembradas” (COOK, 1998, p. 148). Em que se pese que, “igualmente, as que são rejeitadas, por serem julgadas não merecedoras, têm seu acesso negado a esses templos de memória e estão fadadas, assim, ao esquecimento de nossas histórias e nossa consciência social” (COOK, 1998, p. 148).

Cito o excerto de Mario Rufer “o ponto que aqui perseguimos não é ‘quem arquiva o quê’, mas sim por meio de quais procedimentos implícitos o ato de arquivar se investe de legitimidade como prova de uma experiência” (2016, p. 170), que sistematiza a práxis que o autor busca aplicar em sua atuação profissional perante a gestão do Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font.

Neste contexto, buscamos refletir sobre o percurso constitutivo do acervo do AHMJMIF, considerando elementos realçados, relegados / negligenciados no seu acervo, para construirmos uma revisão teórica destes elementos e do espaço que ocupa, e, se contribuiu para a consolidação da memória coletiva e por consequência de uma narrativa oficial do Município.

Para sistematizar esta proposta, dividiremos este artigo em três partes, a primeira aborda elementos constitutivos do AHMJMIF dentro de um espectro político e social de Erechim no período. A segunda parte aponta elementos de seu acervo e como são utilizados na narrativa oficial e a terceira analisa como se pode analisar a relação entre memória e narrativas.

O ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JUAREZ MIGUEL ILLA FONT

A criação de um Arquivo Histórico Municipal é um processo complexo, que visa sistematizar por meio de um serviço público, em tese, de caráter administrativo e técnico para custodiar, tratar e divulgar documentos que carregam elementos da história e da memória de uma determinada comunidade. A cidade de Erechim, conta atualmente com dois Arquivos, um, voltado para a custódia de documentos produzidos por todos os setores da prefeitura municipal, e, o outro, o Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font, concebido como um ambiente não formal de educação que salvaguarda documentos relevantes para a pesquisa acerca das origens da cidade e sua evolução.

Trago uma breve explanação acerca da história de Erechim, para facilitar a compreensão dos motivos que levaram a criação do AHMJMIF. A historiografia oficial do município alude para a ideia de uma colônia planejada, sob os ideais positivistas que se consolidou na última região do Estado do Rio Grande do Sul a ser povoado³. Nela, nas palavras do patrono do AHMJMIF, “Erechim não nasceu apenas sob o signo do cosmopolitismo, mas igualmente da brasilidade. Nele (município) aflorou um modelo precursor de democracia racial, social e política” (ILLA FONT, 1983, p.15).

Com a perspectiva de receber cidadãos de qualquer parte do mundo (da Europa) que queiram trabalhar, estabelecer laços familiares, criar empresas e “lançar sementes culturais, erigir templos, edificar colégios, criar obras particulares e públicas, organizar uma sociedade com aspirações e realizações desenvolvimentista, construir na terra nova uma cidade com fundamentos brasileiros e cristãos” (ILLA FONT, 1983, p.15).

³ A narrativa oficial usa termos como pioneiros para designar colonizadores e povoado / povoamento para abordar a ocupação da terra que era habitada por negros, indígenas e caboclos.

Portanto a cidade cresce com uma mentalidade de que apenas os brancos, imigrantes oriundos da Europa e migrantes vindos das Colônias Velhas do Rio Grande do Sul são capazes de serem vetores do desenvolvimento local. As figuras de negros, indígenas e caboclos são subalternizadas ao longo das produções da primeira metade do século XX e praticamente extintas nas obras que se tornaram referências em história de Erechim.

A sociedade atual ainda apresenta elementos desta estratificação social, da qual o AHMJMIF contribuiu para manter. Foi fundado em novembro de 1980, provavelmente no período mais conturbado da história política local depois da Revolução de 1923. Tendo em vista que a década de 1970 foi repleta de transformações no perfil da cidade, com a consolidação do Centro de Ensino Superior de Erechim (CESE), inauguração da BR 153 e criação do primeiro distrito industrial, tudo isso sob a gestão de dois prefeitos do MDB, Irany Jaime Farina (1 de fevereiro de 1969 a 31 de janeiro de 1973) e Aristides Agostinho Zamabonato (31 de janeiro de 1973 a 31 de janeiro de 1977).

Ou seja, na década em que a ditadura militar estava despejando dinheiro público no famigerado “milagre econômico” Erechim era governada pela oposição, e isso refletia na falta de repasses de recursos. Tanto que, na gestão seguinte, de Eloi João Zanella (1º de fevereiro de 1977 a 31 de janeiro de 1983) a cidade passa por uma mudança no perfil socioeconômico, com a aprovação do plano diretor que expandiu o perímetro urbano, criou bairros, realocou grupos populares e iniciou o processo de verticalização da cidade.

O AHMJMIF está inserido nas mudanças estruturais da cidade de Erechim, e é fruto do período histórico em que havia uma lacuna na legislação acerca da preservação e da salvaguarda de documentos, cuja primeira sistematização ocorre na Constituição Federal de 1988. Neste sentido, somente com a Lei n. 8.159, de 8 de janeiro de 1991, que “dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados⁴” e posterior criação do Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ) que se tornou o centro do Sistema Nacional de Arquivos (SINAR), temos uma legislação que norteia a gestão, preservação e acesso dos documentos em novas instituições arquivísticas ou nas já existentes.

Portanto, analisar a constituição do acervo do AHMJMIF requer uma compreensão do espaço que ele ocupa, sua materialidade perpassa pelo tipo de prédio que está alocado, se é próprio, alugado, histórico, adaptado ou construído para esse fim. Neste caso, além de sempre

⁴ Compreende arquivos como “Os conjuntos documentais produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte ou a natureza dos documentos (BRASIL, 1991).

ocupar prédios alugados (o endereço atual é a sua quarta sede), está umbilicalmente ligado a Biblioteca Pública Municipal Gladstone Osório Mársico. Atualmente, ele também divide o prédio com setores da Secretaria Municipal de Cultura e Esporte.

O ACERVO DO AHMJMIF EM PERSPECTIVA

Seu acervo é composto por documentos oriundos da Prefeitura de Erechim: requerimentos, boletins informativos, censos demográficos, anuários estatísticos, atas, autos, carta precatória, recibos, ordem de pagamento, guia de aquisição de estampilhas de aposentadoria dos menores (1956-1957), nota de expediente, relatório tribunal de justiça, protocolo de audiência cíveis, audiências cíveis, ofícios expedidos, fonogramas, curadoria de acidentes de trabalho, ofícios expedidos, recibos, correspondências e cartas recebidas. Documentos provenientes da colonização da cidade, mapas e plantas da Colônia, documentos da Empresa Colonizadora Luce & Rosa e livro da antiga Comissão de Terra.

Conta ainda com fundos mistos, constituídos por meio das doações da comunidade, como fotos antigas, entrevistas colonizadores e figuras que contribuíram para o desenvolvimento local. Na parte de periódicos, conta com os jornais Diário de Notícias, Voz da Serra / Voz Regional / Voz / AVS, Diário da Manhã, Bom Dia, Boa Vista, Atmosfera, a Folha Regional e O Erechim que circularam na cidade.

Neste contexto, o AHMJMIF pode ser considerado um amplo espaço para pesquisas acadêmicas de caráter interdisciplinar. Além de assuntos relacionados à área da História, respeitando o devido rigor metodológico, o acervo pode contribuir para pesquisas referentes ao Patrimônio Histórico Material e Imaterial da cidade / região, patrimônio arquitetônico, serviço social e nas demais áreas das humanidades.

Apresentaremos elementos contidos no acervo que apontam para a construção de narrativas que exaltam a figura dos “pioneiros” (colonizadores) e silencia a existência de outros grupos humanos, notadamente negros, índigenas e caboclos. A heráldica erechinense, traz em seu bojo elementos que fortalecem uma narrativa oficial sobre o processo de ocupação da terra, de prosperidade e essencialmente multiétnico, como vemos no livro *Cinquentenário de Erechim* de 1968, que apresenta uma descrição detalhada do brasão do município:

O Escudo, chamado "Português" lembra nossa tradição lusa, a descoberta e a colonização do Brasil. É cortado, dividido ao meio por traços oblíquos verdes que significam um "campo" pequeno ou "erê-chim", o topônimo. Dois campos assentam sobre o escudo, limitados pelos traços referidos. o campo superior é de esmalte vermelho e representa o valor e o espírito decisivo dos primeiros moradores de

Erechim. O campo inferior é de metal (ouro) lembra a riqueza que os pioneiros, com seu trabalho e sua tenacidade arrancaram da terra fértil de Erechim. Sobre a linha oblíqua do "campo pequeno" assentam as bases de um castelinho, vê-se logo que é uma reprodução estilizada do velho edifício da Comissão de Terras, o mais antigo prédio público da cidade e que ainda existe na Praça da Bandeira. A sua presença no escudo simboliza os inestimáveis serviços que prestaram ao nosso município os engenheiros e agrimensores do Estado que aqui vieram delimitar as terras e efetuar os traçados da cidade e das vilas circunvizinhas. As cinco linhas onduladas em azul representam o Rio Uruguai, em cujas barrancas terminaram as terras de Erechim e também do Estado. Uma enxada e um machado (em vermelho) com os cabos em cruz de Santo André, lembram os desbravadores que, com tais instrumentos derrubaram florestas e cultivaram a terra. O "monte" ou a montanha que assenta sobre a base do escudo, representa a nossa situação topográfica, terreno acidentado em plena serra. numa faixa dobrada e dois planos, de cor vermelha, debaixo do escudo vemos em prata o nome da cidade e a legenda "Paz e Prosperidade". Encima (sic) do escudo uma coroa mural de cinco torres, em prata que representa "cidade", cabeça da comuna (COSTA, 1968, s/p).

O segundo elemento que traremos para exemplificar esta relação dúbia de consolidação e silenciamento, temos a fotografia a seguir, que apresenta como legenda: “Medidores de Terra, década de 1920”

IMAGEM 01: Medidores de Terra, década de 1920



Fonte: Acervo do AHMJMIF

Em uma cidade cuja narrativa proposta pela historiografia oficial, em obras como *Subsídios para a História do Município de Erechim*, de Oscar da Costa Karnal escrito em 1926,

O grande Erechim e sua História de Antonio Ducatti Neto, escrita em 1981, *Serra do Erechim Tempos Heróicos*, de Juarez Miguel Illa Font (1983), *Erechim: Retratos do Passado Memórias no Presente*, de Enori Chiaparini et al (2012), reiteram o papel formativo atribuído aos “pioneiros” (colonizadores), a influência Positivista⁵ no planejamento urbano, e o desenvolvimento local catapultado pelos empreendimentos dos imigrantes e sua veia progressista e trabalhadora.

A foto acima ilustra, que sem a presença dos negros, índos e caboclos, estes colonizadores ficariam à mercê de outras intempéries, além das que enfrentaram no processo de ocupação da terra e organização de seu modo de subsistência. Sem estas figuras que já conheciam as terras, os agrimensores do governo do Estado também teriam dificuldades para demarcar as terras e adentrar nas matas virgens da região.

AHMJMIF: MEMÓRIA(S) E NARRATIVA(S)

Pensar os Arquivos como espaços atrelados ao passado capazes de “desnaturalizar o conceito de tempo ao conservar as materialidades já consolidadas e possibilitar que possam ser reflexionados no presente” (TRIZOTO, 2022), como prerrogativa para atingirem a perenidade, nas palavras de Almeida (2021) “pretérito, presente e futuro estão urdidos nos Arquivos, que acumulam camadas de tempo, como estratos de experiência, que coexistem em permanente ajustamento” (ALMEIDA, 2021, p.20).

Nesta linha, Ahnein (2018, p.154) aponta que os arquivos são marcados “pela persistência de buscar traços pretéritos que, por meio da salvaguarda, se fazem presentes”. Para Ketelaar (2018, p. 198), “os Arquivos não nos levam até ao passado: preservam o presente para o futuro, ao transmitirem testemunhos e experiências autênticas da atividade humana através dos tempos”.

Desta forma os documentos ajudam na compreensão de como ocorre a consolidação da memória e por consequência de uma narrativa oficial, afinal, ela se materializa por meio dos vestígios que concretizam as memórias do passado no presente. Almeida (2021, p. 21),

⁵ Adeptos do idealismo Positivista, os membros do Partido Republicano Rio-Grandense, adotaram para Colônia Erechim, uma colonização fundamentada nas interpretações da obra de Augusto Comte, onde se tem o entendimento que cabe ao Estado, organizar a sociedade e, partindo desse princípio, a colonização ficaria nas mãos do mesmo e não das empresas privadas, pois geraria desenvolvimento e estabilidade social, ou seja, materializaria a fórmula da —ordem e do progressol. [...] No processo de implementação da colônia a cidade de Erechim contou com a intervenção direta de Carlos Torres Gonçalves junto à presidência do Estado (Carlos Barbosa e Borges de Medeiros, respectivamente) seja na transferência da sede da colônia do atual município de Getúlio Vargas para a atual Erechim assim como interferência no desvio da Estrada de Ferro para a mesma, sendo esse último fator decisivo para o comércio de madeira e da produção agrícola para outros centros. (PEREIRA, 2018, p.66)

corroborar, ao afirmar que “a memória é sempre do presente, pois o pretérito depositado não é algo vindo de um tempo que se findou, mas sim é um passado que invade o presente”. Na mesma linha, pode ser compreendido como “[...] o contato possível com o passado, mas está inscrita em uma operação teórica produzida no presente, [...] provém do passado, mas não está mais no passado quando é interrogada” (RAGAZZINI, 2001, p. 14).

A compreensão da memória como um fator fundamental para a construção das narrativas nos leva a pensar o caráter conflituoso das disputas. entre a memória e a história, porque nem sempre a história consegue acreditar na memória”. Neste sentido temos “inúmeros dispositivos diferentes usados no processo de transformar memórias individuais em lembranças coletivas” (KETELAAR, 2019, p. 245), como os acervos dos Arquivos Históricos, Museus, Bibliotecas e centros de memória. Eles contribuem para a “construção de referenciais sobre o passado e sobre o presente de diferentes grupos sociais e sob a perspectiva de diferentes grupos sociais, ancorados nas tradições e intimamente associados a mudanças culturais” (BARROS, 2009, p. 41).

Sob esta perspectiva, o acervo do AHMJMIF oferece a pesquisadores ferramentas interessantes tanto como objeto de pesquisas quanto fonte complementares para pesquisas em andamento. Pois o acervo fotográfico ajuda a ilustrar o desenvolvimento do município e seus costumes. O fato de o acervo estar também disponível no formato digital facilita o acesso e a sua utilização. Já a hemeroteca de jornais é uma fonte capaz de suprir uma parcela significativa das lacunas da história local, bem como compreender os processos constitutivos desta sociedade e de que forma as narrativas oficiais eram afiançadas e as demais eram silenciadas.

Por fim, os documentos mais acessados para pesquisa acadêmica são os processos criminais, as correspondências oficiais, os requerimentos, mapas e plantas da colonização. Com relação ao manuseio, eles respeitam os mesmos procedimentos do acervo de jornais. De acordo com Cox (2017), “quando se observa um documento, ao menos do gênero textual, depara-se com a linguagem. O documento de qualquer tipo (carta, memorando ou recibo) é recoberto de símbolos que representam palavras e números. Ele é feito para ser recebido, lido, entendido”.

Portanto, o acervo pode ser utilizado como fonte principal de uma pesquisa ou como fonte auxiliar, e é capaz de reforçar a narrativa oficial, devido a sua constituição original, principalmente as entrevistas. Todavia oferece um amplo campo de indagações à esta mesma narrativa, se estiver aliado as correntes historiográficas que produzem reflexões a contrapelo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problematização da noção de um Acervo nos permite compreender a amplitude que ela possui. Ao mesmo tempo, nos oferece formas distintas de olhar um determinado conjunto de documentos e o percurso que o levou até aquele contexto. No caso do acervo do Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font, fica perceptível que sua construção fez parte de um processo de legitimação de uma narrativa oficial.

Cabe salientar que esta narrativa oficial é erigida sob o silenciamento da trajetória de negros, indígenas e caboclos em prol da exaltação da figura do colonizador branco oriundo da imigração europeia e das colônias velhas do Rio Grande do Sul, tendo em vista que este processo ocorreu nas primeiras décadas do século XX onde existia uma clara política eugenista do governo federal.

A consolidação desta narrativa oficial é fruto dos tensionamentos ocorridos a partir da segunda metade da década de 1970 na política local, principalmente o embate pela aprovação do plano diretor da cidade. Sem perder de vista que a mudança do perfil social da cidade em virtude do crescimento populacional, da inauguração da BR 153, do início das atividades do Centro de Ensino Superior de Erechim e do fortalecimento da indústria metal mecânica e do terceiro setor. Assim, o movimento de manutenção status quo dos grupos dominantes perpassou pela exaltação das “origens europeias” e aos “pioneiros”. Com isso a narrativa oficial passou a refletir este processo. E, nesta esteira o acervo do Arquivo Histórico (fundado em 1980) é fruto da política do governo municipal para contribuir para a consolidação deste cenário.

Em suma, a criação de uma narrativa comum é uma ferramenta capaz de promover uma unidade de discurso perante o processo de transformações pelas quais o município estava passando. Legitimou-se a figura do branco em detrimento à do negro, indígena e caboclo. A priori dotando de sentida a narrativa do “pioneiro” e não do colonizador.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Percursos de um Arq-Vivo**: entre arquivos e experiências na pesquisa em História da Educação. 2021.

ANHEIM, Etienne. Arquivos singulares – o estatuto dos arquivos na epistemologia histórica. Uma discussão sobre A memória, a história, o esquecimento de Paul Ricoeur. In: NEDEL, Letícia e HEYMANN, Luciana (Orgs.). **Pensar os Arquivos**: uma antologia. Rio de Janeiro: FGV Editora, p. 121-154, 2018.

BARROS Dirlene Santos; AMÉLIA Dulce. Arquivo e memória: uma relação indissociável. **TransInformação**, Campinas, 21(1): p. 55-61, jan./abr., 2009.

BARROS, José D.'Assunção. A Nova História Cultural—considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, v. 12, n. 16, p. 38-63, 2011.

BARROS, José D.'Assunção. História e memória—uma relação na confluência entre tempo e espaço. **Mouseion**, v. 3, n. 5, p. 35-67, 2009.

BRASIL. **Lei número 8.159** de janeiro de 1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Diário Oficial. Brasília, 9

COOK, T. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n.21, p. 129-149, 1998.

COX, Richard. **Arquivos Pessoais: um novo campo profissional – leituras, reflexões e reconsiderações**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

COSTA, Israel J. **Álbum oficial cinquentenário de Erechim**. Porto Alegre: Metrópole, 1968.

COUGO JUNIOR, Francisco Alcides. **A patrimonialização cultural de arquivos no Brasil**. Orientadora: Renata Ovenhausen Albernaz. Coorientador: Ramón Albech i Fugueras. 2020. 445 f. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020

DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **História do tempo presente**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2014. p. 7-12.

ILLAFONT, Juarez Miguel. **Serra do Erechim: Tempos Históricos**. Editora Carraro. 1983. janeiro 1991.

KETELAAR, Eric. (Des)construir o arquivo. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia (org.). **Pensar os arquivos: uma antologia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2018.

PEREIRA, Rodrigo Alves. Erechim centenária – As identidades contemporâneas e sua relação com o centro simbólico do poder: A praça da bandeira e o paço municipal. In. **Um mosaico sobre Erechim**. Organização. Helena Confortin, Erechim, RS: Edelbra/AEL, 2018.

RAGAZZINI, Dario. Para quem e o que testemunham as fontes da história da educação? **Educar em revista**, p. 13-27, 2001.

RUFER, Mario. El archivo: de la metáfora extractiva a la ruptura poscolonial. In: GORBACH, Frida; RUFER, Mario. **(In)disciplinar la investigación: archivo, trabajo de campo y escritura**. Cidade do México: Siglo XXI, 2016.

TRIZOTO, H. A. O acervo do Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font na pesquisa acadêmica. In: **I Encontro Internacional de Estudos em Patrimônio Cultural, 2022, On-**

line. v. 1. p. 201-224. Disponível em:
https://www.academia.edu/93564608/ANAIS_DO_I_ENCONTRO_INTERNACIONAL_DE_ESTUDOS_EM_PATRIM%C3%94NIO_CULTURAL?fbclid=IwAR0bFZfWxjTREvW47nFzPWPR0ozNFHD1frdrzHIFA2oc4Zd6ZhoBY1OZW1g. Acesso em 20, jul. 2023.